



**A PRODUÇÃO CULTURAL E EDUCATIVA DE CRIANÇAS DA
VILA GUARUMÃ, ACARÁ (PA): por entre brincades, interações e
saberes**

THALIA MARQUES DE OLIVEIRA

ABAETETUBA-PA

2025



THALIA MARQUES DE OLIVEIRA

**A PRODUÇÃO CULTURAL E EDUCATIVA DE CRIANÇAS DA VILA GUARUMÃ,
ACARÁ (PA): por entre brincades, interações e saberes.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge.

ABAETETUBA – PA

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

O48p Oliveira, Thalia Marques de.
A produção cultural e educativa de crianças da Vila Guarumã,
Acará (PA) : por entre brincades, interações e saberes / Thalia
Marques de Oliveira. — 2025.
60 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia,
Abaetetuba, 2025.

1. Infância amazônica. 2. Processos culturais e educativos.
3. Brincar. I. Título.

CDD 370.811

THALIA MARQUES DE OLIVEIRA


**A PRODUÇÃO CULTURAL E EDUCATIVA DE CRIANÇAS DA VILA GUARUMÃ,
ACARÁ (PA): por entre brincades, interações e saberes.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais – FACS, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia.


Orientadora: Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge.

Conceito: EXCELENTE


Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 ELIANA CAMPOS POJO TOUTONGE
Data: 13/10/2025 11:12:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge – Orientadora

Documento assinado digitalmente
 VIVIAN DA SILVA LOBATO
Data: 13/10/2025 21:36:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Vivian da Silva Lobato – Examinadora
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Documento assinado digitalmente
 MARIA DE JESUS FERREIRA FERREIRA
Data: 16/10/2025 15:43:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Msc. Maria de Jesus Ferreira Ferreira – Examinadora
SEMEC (Abaetetuba-PA)

Abaetetuba/PA, 23 de setembro de 2025.

Dedico este trabalho às crianças dos interiores amazônicos que, com seus modos singulares de viver, revelam-se protagonistas de histórias únicas recheadas de memórias, tradições e apontando outros sentidos de viver.

AGRADECIMENTOS

Durante essa longa jornada, entre altos e baixos, o apoio, amor, cuidado e carinho que recebi foram a base que me mantiveram firme, e a fé em Deus. Chegar até aqui não foi fácil, mas posso dizer que sou extremamente abençoada em ter ao meu lado pessoas que não só me passaram segurança, mas acreditaram em mim e me deram todo o apoio necessário. Esse final feliz hoje só é possível graças às muitas pessoas que, direta ou indiretamente, me ajudaram a persistir durante esse longo caminho e fizeram parte dessa história comigo das mais diversas formas.

Aos meus pais, Jonilson Meneses de Oliveira e Dulcinira Marques de Oliveira, tenham a plena convicção que vocês foram minha força e são meus maiores exemplos na vida. Observar o esforço de vocês e a confiança em mim foi o “estalo” para perceber que eu sou mais do que capaz – por mim e por vocês. Falar de vocês e dos meus irmãos, Jhonata Marques de Oliveira e Thayná Marques de Oliveira, é tocar na parte mais brilhante da minha vida, a mais linda. Vocês nunca mediram esforços para que eu pudesse estudar e viver bem, e mais, sempre me ensinaram que a educação é a coisa mais valiosa que podemos ter. Se hoje eu sou quem sou é porque vocês sempre me incentivaram a ser melhor, possibilitando meu crescimento e amadurecimento. O amor, o cuidado e a proteção de uma vida, espero poder retribuir um dia – nem que seja um pouquinho apenas. A conquista é nossa!

Aos meus amigos e companheiros de jornada, Cintia Amorim dos Santos e Ewerton Brendo de Sousa Lopes, obrigada por terem sido muito mais que colegas de turma. Vocês foram luz na minha vida, sorrisos em momentos turbulentos e uma parte boa que pretendo carregar comigo; se tornaram pilares essenciais nesse percurso e me ajudaram a crescer. A companhia de vocês sempre me trouxe aconchego e tranquilidade, meus dias se tornaram mais felizes por intermédio da amizade que construímos. Por isso, independente do rumo que nossos caminhos tomem, tenham a certeza que o lugarzinho de vocês na minha vida sempre existirá. Obrigada por serem amigos excepcionais com os quais pude compartilhar minhas aflições sabendo que teria apoio e, também, com os quais criei memórias valiosas.

Agradeço, com imenso carinho e afeto, a todas as crianças que fizeram parte desta pesquisa. Vocês foram as verdadeiras protagonistas deste trabalho, compartilhando seus saberes, suas vivências e suas vozes – os quais iluminaram cada etapa desta caminhada. Vocês foram a alma do que construí nessa pesquisa.

Aos meus professores que muito me ensinaram, não apenas com os conhecimentos repassados, mas com as experiências proporcionadas: meu muito obrigada. Cada incentivo e orientação foram fundamentais para o meu crescimento e para que pudesse chegar até aqui.

Agradeço, de maneira especial, a minha orientadora, professora Eliana Campos Pojo Toutonge, a qual não só me acolheu, mas valorizou e incentivou minha escrita/pesquisa. A sensibilidade, compromisso e dedicação que deposita na pesquisa é admirável. Seus trabalhos não apenas ampliaram meus horizontes de conhecimento, mas também despertaram em mim o desejo de buscar, com rigor e sensibilidade, respostas para questões que transformam a educação e a sociedade.

Aos meus avós maternos e paternos, agradeço pelo carinho e incentivo que direcionaram a mim – foram de imensa importância. Destaco, com muita gratidão e reconhecimento, o empenho do senhor Ourino Pereira (meu avô), o qual não mediu esforços para que eu sempre pudesse estar perto da minha família. As incontáveis viagens até o Paulo (km 44 da Alça Viária) para me buscar à noite não foram apenas simples viagens, foram uma demonstração imensa de carinho, a qual eu sou profundamente grata.

E por último, e não menos importante, agradeço a mim por não desistir. Confesso que sair de casa e morar longe foram as minhas maiores inseguranças e medos, por isso, houve momentos que pensei não ser capaz de prosseguir. No entanto, nunca permiti que esses sentimentos me desanimassem e/ou fizessem com que eu desistisse – e me sinto extremamente orgulhosa por cada passo dado mesmo que em meio à incertezas e medo. Reconheço, com ternura, cada incentivo pessoal na busca do meu aperfeiçoamento e melhora. As noites em claro, as inúmeras páginas lidas, cada lágrima silenciosa e os sorrisos que brotaram mesmo na exaustão... tudo isso fez parte da minha história. Agradeço a mim pela coragem de continuar quando o caminho parecia longo demais, pela persistência que resistiu ao cansaço, e por jamais abandonar os meus sonhos. A mulher que hoje segue sonhando, se reinventando e buscando crescer a cada dia é fruto vivo de tudo isso.

Durante cinco anos, vivi intensas experiências de superação e aprendizado, as quais permitiram meu autoconhecimento. Cada desafio trouxe a oportunidade de evoluir e criar versões melhores de mim mesma. Não foi uma caminhada simples, mas foi profundamente transformadora, foi uma etapa da minha vida que deixará inúmeros aprendizados e que colaborou na construção de quem sou hoje.

In memoriam de Severino Marques, avô amado e querido.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|---|----|
| Imagem 1 – Rua Nova | 13 |
| Imagem 2 – Tv. São Benedito | 14 |
| Imagem 3 – Rua das Malvinas | 14 |
| Imagem 4 – Croqui | 15 |
| Imagem 5 – Imagem de satélite | 17 |
| Imagem 6 – Interação das crianças | 22 |
| Imagens 7 e 8 - Mão no chão, terra ao vento | 23 |
| Imagem 9 – Corpo e movimento na rua | 24 |
| Imagem 10 – Pira pega na rua | 24 |
| Imagens 11 e 12 – Brincar de comidinha | 25 |
| Imagem 13 – Brincadeira de comidinha | 25 |
| Imagens 14 e 15 – Brincar e movimento corporal | 26 |
| Imagens 16 e 17 - A natureza no cotidiano através do explorar | 26 |
| Imagens 18 e 19 – O desenhar na rua | 28 |
| Imagem 20 – O igarapé | 29 |
| Imagem 21 – Atividade de desenhar | 34 |
| Imagens 22 e 23 – Atividades no quintal | 37 |

LISTA DE DESENHOS

| | |
|--|----|
| Desenhos 1 e 2 – Wemilly e Alice | 35 |
| Desenhos 3 e 4 – Kayla e Wemilly | 35 |
| Desenhos 5 e 6 – Alice e Anna | 36 |

RESUMO

Este trabalho tem como foco a infância vivida no campo amazônico por crianças da comunidade da Vila Guarumã, em Acará, Pará. A pesquisa buscou compreender as produções culturais e educativas protagonizadas por essas crianças, analisando como suas práticas sociais, experiências e percepções sobre o território integram a cultura infantil e diz respeito à afirmação de identidades locais. Envolveu estudos de Brito & Marques (2021), Pojo & Freitas (2022), Silva & Pasuch (2010) e Gusmão (2012), em suas reflexões sobre a criança e a infância amazônica do campo. O estudo, a partir de uma abordagem qualitativa, esteve sustentado pela investigação bibliográfica e de campo, esta última envolveu observações ao cotidiano comunitário, rodas de conversa, desenhos e registros fotográficos. Nesse processo, as crianças foram reconhecidas como sujeitos ativos na produção de saberes e de cultura, tendo suas vivências, brincadeiras e narrativas valorizadas como práticas sociais que constroem identidades e fortalecem o vínculo com o território. Os resultados revelam que, mesmo diante de lacunas históricas e do silenciamento das vozes infantis nos registros formais, as crianças expressam relações profundas com a natureza e com a comunidade onde vivem. Suas práticas, repletas de ludicidade e afetividade, reafirmam a importância de reconhecer a infância amazônica como produtora de cultura, de memória e de saberes, contribuindo para a valorização do campo e para a preservação da identidade local.

Palavras-chave: Infância amazônica; Processos culturais e educativos; Brincar.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| Questões Teórico-Methodológicas da pesquisa | 11 |
| Primeiros passos e percepções | 12 |
| CAPITULO I - MUNDO AMAZÔNICO E COTIDIANO INFANTIL DA/NA VILA GUARUMÃ, ACARÁ (PA) | 17 |
| 1. 1 – A Vila Guarumã em Acará-PA: breves relatos | 17 |
| 1. 2 O potencial de ser criança e do interior | 21 |
| CAPITULO II - CRIANÇAS EM SUAS INFÂNCIAS AMAZÔNICAS: TERRITÓRIO, LUDICIDADE E SABER | 34 |
| 2.1 A relação criança-natureza | 34 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 40 |
| REFERÊNCIAS | 42 |
| ANEXOS | 45 |

INTRODUÇÃO

A criança do campo carrega em si um jeito de viver associado ao território que habita. Sua infância pulsa no ritmo da terra, no cheiro da mata, pelo trabalho familiar e no saber e elo comunitário. Pojo & Freitas (2022, p. 3) ressaltam que essas crianças são pessoas que:

[...] vivenciam um determinado cotidiano [...], interagem e recriam-se com e na cultura local; ligam-se constantemente com o mundo natural dos lugares, tornando, assim, parte de suas rotinas e de seus aprendizados e, à medida que se socializam nessa dinâmica sociocultural regional, computam e percebem o mundo em meio a experiências, interações e relações com a natureza do lugar.

Ou seja, são habitantes de territórios camponeses que passam por situações de descasos e de desvalorização. Reconhecê-las como seres sociais e produtoras de saberes ímpares é uma necessidade urgente, diante do olhar adultocêntrico e de inferiorização que ainda persiste sobre suas identidades, experiências e contribuições à sociedade. As Orientações Curriculares para a Educação Infantil do Campo (Silva & Pasuch, 2010, p. 24) enfatizam a necessidade de se “reconhecer os modos próprios de vida no campo como fundamentais para a constituição da identidade das crianças moradoras em territórios rurais”.

No lugar de pesquisadora e futura educadora, entendo que a criança do campo, assim como qualquer outra, é um ser repleto de histórias, experiências e particularidades, fortemente marcadas pelo contexto em que vive. Carregam consigo saberes, aprendizados e modos próprios de ser, agir e viver. No contato direto com a educação do campo em diferentes aspectos, essa realidade sempre fez parte da minha vida e, ainda hoje, continuo inserida nesse contexto.

Também, crescer em uma família de professores que atuam e moram no mundo rural amazônico, e conviver desde cedo nesse contexto, possibilitou-me, hoje, reflexões que para muitos passam despercebidas. Compreendo, por exemplo, que existe uma educação direcionada a essa parcela da população, com características próprias. Entre essas reflexões, destaco a percepção de que o conhecimento produzido pela ‘criança do interior’, como eu fui, possui valioso potencial e de significado para cada criança. Foi como a criança do campo é vista na sociedade que aguçou meu interesse em pesquisar sobre o tema, pois reconheço que esse sujeito singular possui saberes próprios construídos a partir do seu cotidiano.

E trata-se de um tema com poucos estudos. A ampliação dessas pesquisas é um marco importante para despertar interesse sobre como essas crianças aprendem, vivem e interagem, no sentido de que é preciso reconhecer que grande parte da população vive no contexto rural do país e da Amazônia paraense, com uma realidade social invisibilizada. Conhecer sua realidade e seus saberes ajuda a mudar a forma como ela é vista, valorizando-a e mostrando que esse conhecimento também é essencial para transformar a sociedade.

Diante disso, a investigação acentuou a questão norteadora: Quais produções culturais e educativas estão sendo protagonizadas por crianças da Vila Guarumã no município de Acará/PA?, na perspectiva de discutir como tais produções sedimentam uma dada cultura infantil. Como objetivo central, nos debruçamos em compreender as produções culturais e educativas das crianças residentes na Vila Guarumã, no município de Acará/PA; buscando, como dimensões específicas, mapear suas práticas sociais em meio às experiências/vivências; e caracterizar o cotidiano das crianças dessa vila no âmbito dos seus saberes e do que dizem/sabem do território, o que colabora para a construção de sua identidade cultural.

A pesquisa tratou da infância vivida no campo amazônico, especialmente na Vila Guarumã, em Acará/PA, reconhecendo as crianças como sujeitos ativos na produção de cultura e de saberes que nascem no território. Mais do que registrar suas produções infantis, visou compreendê-las em seus modos de ser e viver, que desafiam olhares estigmatizados e contribuem para afirmar identidades.

Questões Teórico-Metodológicas da pesquisa

A pesquisa ancora-se na abordagem qualitativa que, segundo Godoy (1995), corresponde à compreensão dos fenômenos a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos; conta com o apoio da pesquisa de campo a qual Brandão (2007, p. 11) define como uma “uma vivência, ou seja, é um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento” como parte do método.

Em termos metodológicos, utilizou-se a observação do cotidiano da comunidade e das práticas sociais das crianças, a produção de desenhos (Gobbi, 2012) e o diálogo por meio da roda de conversa (Brandão, 2007) junto das crianças visando obter a percepção do território e do saber tomando suas visões; visualizando-as desde a realidade comunitária, social e cultural, até o ambiente em que estão inseridas.

As fotografias neste trabalho se tornaram um meio para registrar práticas e os momentos compartilhados com as crianças durante a pesquisa. Com o tempo, as próprias crianças, ao fotografarem ou olharem os registros fotográficos faziam interpretações dos espaços e elementos da natureza, das pessoas e do território, lembravam vivências. O desenho também foi instrumento de representação, revelando a visão de mundo de cada criança, os saberes que carregam e as interações que constroem, e por muitas vezes desenhar e pintar partiu da iniciativa das crianças.

No sentido da vida comunitária atual e com informações de base histórica, utilizou-se a produção da escritora Izabel Gadelha¹ e demais fontes orais a partir de diálogos gravados, considerando os protocolos éticos de pesquisa – com os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido devidamente explicados e assinados –, com os moradores adultos que participaram da pesquisa. Assim, a professora Luiza Maria, renome no contexto educacional da região; e o senhor Ourino, morador de localidade próxima, conhecedor da região e detentor de saberes sobre a comunidade, nos ajudaram a construir uma narrativa histórica sobre a Vila Guarumã. Tal contribuição tornou-se necessária diante da escassez de fontes documentais que registrassem com precisão o surgimento da vila em órgãos municipais, como a Câmara Municipal de Acará e a Biblioteca municipal², o que foi constatado após visitas realizadas a esses espaços.

Com os autores como Brito & Marques (2021), Pojo & Freitas (2022), Silva & Pasuch (2010), Gusmão (2012), entre outros, embasamos nossas reflexões acerca da criança e da infância amazônica do campo, precisamente focando em seus saberes, cotidianos e no território vivido/experimentado por elas na Vila Guarumã.

Primeiros passos e percepções

Antes de iniciar a pesquisa de campo propriamente, houve um primeiro contato com as crianças. Nesse momento foi realizado o diálogo com os responsáveis para explicar a temática, objetivos e a finalidade da investigação e, assim, obter os termos de autorização dos responsáveis e das crianças, conforme mencionamos.

Num primeiro momento, foram contatados seis responsáveis e foi obtido retorno de apenas quatro deles. E seguimos o estudo com a participação de sete crianças, porém no decorrer da investigação, mais cinco foram integradas cuja inserção se deu espontaneamente, devido a própria movimentação da pesquisa com as atividades e diálogos que aconteciam em espaços abertos, na maioria das vezes, na Rua Nova, como o espaço principal das atividades.

Convém ressaltar que, não obtivemos autorização de todas as crianças que participaram ativamente da pesquisa devido à dificuldade de contato com seus responsáveis, presencial ou por mensagem, assim como o caráter esporádico de algumas dessas crianças. Na maioria das vezes, foi mais fácil estabelecer aproximação/diálogo com os filhos do que com os

¹ Izabel Gadelha é escritora e historiadora do município de Acará-PA, possui renome em estudos sobre a Cabanagem no município.

² Segundo funcionários dessas instituições, alguns registros que poderiam existir se perderam com um incêndio anos atrás.

responsáveis. Fato que levanta o alerta para as condições de vida dessas crianças em relação à negligência, pois em conversa com algumas mães, elas relataram que duas dessas crianças vivem constantemente na rua e até altas horas da noite. Demonstrando que no contexto da vila também existem carências de carinho, afeto e de companhia significativa. Então, crianças do campo, a exemplo dessas com as quais mantivemos uma aproximação, vivem situações de ludicidade, mas também de desigualdade, de muitas ordens. Nesse sentido, um dos desafios vividos na pesquisa foi o contato com alguns responsáveis.

Prosseguir com o trabalho com as crianças foi o foco central, por compreendermos que são sujeitos que possuem saber e podem participar ativamente na construção de conhecimentos. O estudo abrangeu três ruas da vila: Rua Nova, Tv. São Benedito e Rua das Malvinas (respectivamente), conforme situado pelas imagens 1, 2 e 3.

A Rua Nova constituiu o cenário principal da pesquisa, pois sabia que as atividades brincantes das crianças aconteciam diariamente ali, sobretudo nas tardes, quando um grupo de crianças, em sua maioria meninas, se reuniam para brincar. Assim, a delimitação do espaço levou em conta o cotidiano dos sujeitos da pesquisa e revelou um ambiente sempre pulsante, marcado pela presença constante deles e suas movimentações, como consta na imagem 1, com três meninas já em busca de diversão na rua.

Imagem 1: Rua Nova. **Fonte:** Registro da autora, 2024.



A próxima imagem destaca um grupo de crianças na Tv. São Benedito, que passou a integrar a pesquisa em razão de haver também movimentação delas. Essa imagem foi registrada num dia em que, diferentemente do habitual encontro na casa de Alinni, as crianças se reuniram na casa de sua mãe, avó da Wemilly e Anna. Esse deslocamento até esse local atraiu outras

crianças para lá, e como de costume ocorreu várias brincadeiras no quintal da avó, nos espaços da frente da casa e na travessa.

Imagem 2: Tv. São Benedito. **Fonte:** Registro da autora, 2024.



De igual importância acontece na Rua das Malvinas como cenário das práticas infantis, precisamente em frente da residência de Alinni. Ressalta-se que os últimos dias da pesquisa aconteceram nesse ambiente, marcado pela presença viva dos corpos infantis em movimento, mergulhados em suas brincadeiras e interações, afinal é a centralidade de suas vidas.

Imagem 3: Rua das Malvinas. **Fonte:** Registro da autora, 2025.



Desse modo, iniciamos o trabalho de campo pela Rua Nova, onde as crianças costumam se concentrar para realizarem momentos de brincar e interagir entre todos/todas que ficam por ali. Elas costumam se reunir praticamente todo dia nessa rua, próximo as suas casas, para brincarem juntas à tarde, sendo um ponto central de encontro na frente da casa da Alinni, mãe

da Anna e da Wemilly. No entanto, a circulação e mobilidade pelo itinerário das crianças fez com que o trabalho de campo se estendesse à Tv. São Benedito e Rua das Malvinas, as quais se interconectam, conforme representado no croqui³.

Imagem 4: Croqui. **Fonte:** Desenho feito por Josenilton Oliveira, 2025.



O local da pesquisa foi definido previamente por morar perto da comunidade e saber sobre o grupo de crianças no ambiente das ruas mencionadas. Também, muitas das crianças eu já conhecia e/ou mantinha vínculos familiares, o que facilitou a aproximação com elas e com seus responsáveis. Ainda assim, um dos desafios foi justamente o contato com alguns responsáveis, como dito, postergando o tempo da investigação. A pesquisa se desenvolveu entre outubro de 2024 a abril de 2025, em dias alternados. Essa organização buscou respeitar a disponibilidade das crianças, a partir de uma comunicação constante com seus responsáveis antes de cada encontro, também por isso convivemos com grupos variados ao longo das observações em campo.

Inicialmente, participaram sete crianças, cujos responsáveis autorizaram formalmente: Anna Gabrielly, Wemilly Vitória, Hayra, Andrya, Kayla, Alice e Derick, todas de idades entre 5 e 10 anos. No decorrer das atividades, outras crianças passaram a integrar o grupo de forma espontânea e mais frequente, como Ana Paula e Zuh Raiane, mas sem autorização dos pais, porque não houve retorno por parte deles. Outras ainda participaram apenas de forma esporádica e sem frequência, como Amaya, Adriel e Gabriel, presentes em uma ou duas ocasiões.

³ Esse croqui enfatiza a geografia territorial com a paisagem de natureza das ruas que abrangeu a pesquisa.

Essas crianças estudam na escola municipal da vila, E.M.E.I.F São João Batista, todas no turno da manhã, e algumas compartilham maior proximidade com a autora e em razão dos vínculos com os responsáveis. Moradoras da mesma rua, a Rua Nova, vivem um cotidiano em que a religiosidade se mostra bastante presente em suas vidas, pois grande parte das crianças e de seus familiares participam de igrejas evangélicas de diferentes denominações, e esse fator influenciou a composição variada dos grupos de crianças participantes da pesquisa. São filhas e filhos de trabalhadores formais, atuantes como funcionários na escola onde elas frequentam, e também de trabalhadores autônomos como agricultores e pequenos empreendedores. São crianças que mesmo com potenciais infantis, estão cercadas por carências no âmbito familiar, conforme citado. Assim, suas vivências são marcadas, sobretudo, pelo cotidiano escolar, religioso e familiar nos quais estão inseridas e, também, pelo território onde vivem.

CAPÍTULO I

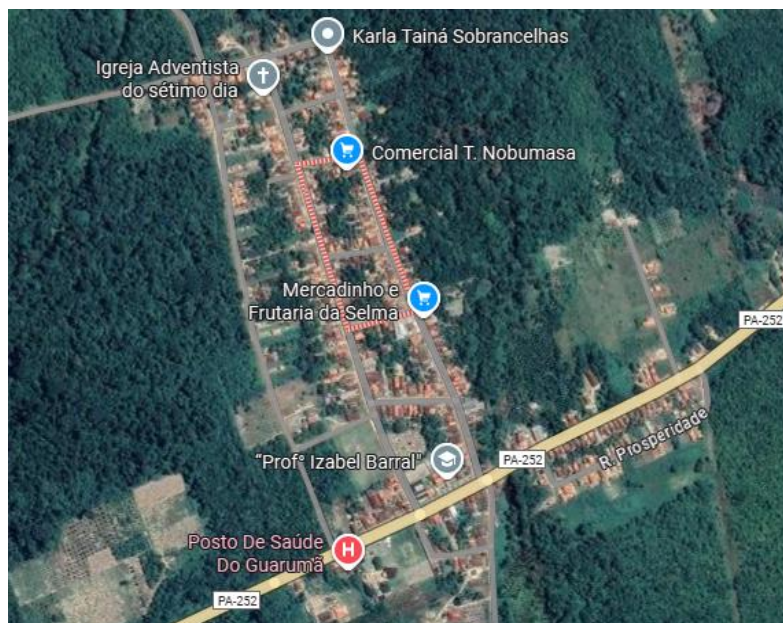
MUNDO AMAZÔNICO E COTIDIANO INFANTIL DA/NA VILA GUARUMÃ

Este capítulo traz o cenário do cotidiano das crianças da Vila Guarumã em suas relações com o território amazônico, a natureza, a comunidade e a história local. Nesse sentido, são trazidos aspectos da infância amazônica como produtora de cultura e de saberes, destacando a forma como as crianças se apropriam do espaço e constroem sentidos de pertencimento. Assim, na primeira parte, a ênfase recai sobre o contexto da vila nos aspectos culturais, econômicos e de memória coletiva, articulando relatos de moradores e outras informações. Adiante, focaliza-se no ser criança do interior, com base nas narrativas de vida das crianças que se passam, especialmente, no espaço da rua, do quintal e da natureza.

1. 1 - A Vila Guarumã, Acará (PA): breves relatos

Localizada na Rodovia PA 252, a 18 km da sede do município de Acará, Pará, a Vila Guarumã compõe o conjunto de mais de 30 vilas que, em sua maioria, não apresentam documentos oficiais que datem da fundação e com informações básicas das localidades, é o que consta nas informações coletadas na Câmara Municipal de Acará e pelas fontes orais utilizadas.

Imagem 5 – Imagem de satélite. **Fonte:** Google Maps.



Segundo relatos das pessoas mencionadas, o nome da vila tem sua origem da planta Guarumã⁴, uma planta típica da flora local a qual encontrava-se em abundância às margens dos igarapés da região. O guarumã teve durante longo período utilidade para o artesanato com a

⁴ O guarumã (*Ischinosiphon koern*) é abundante em regiões de várzea do estado do Pará. Fonte: <https://herbariomfs.uepa.br/colecao-biocultural/abano-2/>.

produção de paneiros das talas retiradas do caule da planta e, também, para fins comerciais através da venda de suas folhas para embalar alimentos como carne bovina ou suína, por exemplo.

Em conversa com a professora Luiza Maria e com o senhor Ourino, ambos descrevem que o início da vila remonta ao final da década de 50 e início da década de 60. Afirmção essa que é contextualizada a partir do texto de Gadelha (2025), com a afirmação:

A história da Vila do Guarumã, situada no município do Acará, no Pará, é marcada pelo espírito desbravador, pela força das tradições orais e pela memória preservada por seus pioneiros. Conforme o relato do escritor Benedito Passos de Oliveira, a origem da vila remonta ao mês de outubro de 1959, quando o senhor José Isidoro de Souza, acompanhado de Fernando de Oliveira, Geraldo de Oliveira, Antônio Fernandes de Oliveira e Geraldo Teixeira de Oliveira, entre outros, desbravou uma região até então inabitada e rica em fauna e vegetação nativa.

Os moradores Luiza Maria e Ourino destacam que o processo de colonização da região, que localiza a vila em estudo, se deu fortemente por questões comerciais e não por habitação dos nativos. Ou seja, a construção do que conhecemos hoje como Vila Guarumã teve início não pela necessidade de moradia, mas sim para fins comerciais, visando atender as necessidades dos trabalhadores que se encontravam na região, como dos colonos que faziam roças e das comunidades vizinhas que utilizavam os igarapés como rotas para fazer suas compras.

Quase no mesmo ano da fundação da vila, foi implantada também a Colônia Nipônica do Acará, uma iniciativa que homenageava o então governador do Estado, senhor Paes de Carvalho. A instalação dessa colônia marcou um importante capítulo na integração entre povos e culturas, contribuindo para o desenvolvimento agrícola e social da região (Gadelha, 2025).

Com o passar do tempo e com a exploração dessa região, o crescimento populacional da vila aconteceu, principalmente, por parte dos japoneses, povo que foi marcante em termos econômicos e culturais para a região, além de pessoas de outras regiões e de outras cidades, como os nordestinos.

No início da colonização da comunidade, as famílias dedicavam-se à agricultura de subsistência, ganhando destaque pela expressiva produção de pimenta-do-reino. Em 1991, com a comercialização da pimenta-do-reino em declínio significativo, esse cenário levou muitos moradores a diversificar sua produção, passando a outros cultivos como cacau, mandioca e cupuaçu (Amaral, 2019). Nos dias atuais, essa produção foi reduzida consideravelmente devido ao avanço da monocultura do dendê⁵, ocasionando de a população local passar a vender suas terras e/ou se submeter ao trabalho formal nas empresas que atuam na região.

⁵ A monocultura do dendê é uma atividade agrícola que tem se expandido significativamente na região Amazônica, particularmente no Pará, impulsionada por grandes empresas produtoras de óleo de palma. Na região do Acará-PA, as pioneiras da monocultura do dendezeiro são a Agropalma, a BBB/GALP, a Biopalma e

O certo é que a história da Vila envolve um histórico cronológico de ocupação territorial, somando-se a outros aspectos tais como: a memória histórica dos pioneiros, o simbolismo cultural do território e o entrelaçamento entre natureza, cultura e identidade. Estes aspectos convergem na citação de Gadelha (2025), quando ela diz que “[...] o Guarumã surge como símbolo da coragem dos desbravadores, da força das decisões coletivas e do entrelaçamento entre natureza, cultura e identidade amazônica”. A análise da vila permite compreender como os territórios rurais amazônicos carregam símbolos identitários amplos. A combinação entre memória, participação comunitária e ecossistema torna a Vila Guarumã um exemplo de resistência cultural e de pertencimento socioambiental. Reconhecê-la como tal é valorizar uma Amazônia que fala com sua própria voz, constrói suas próprias narrativas e mantém vivas as raízes de seu povo. Mas, afinal, o que dizem/sabem as crianças sobre essa história?

De um ponto de vista histórico da ocupação territorial, infelizmente nesse tempo de estudo não alcançamos nenhum registro do assunto em relação ao viver infantil. Assim, visando compreender um pouco mais do lugar e da história local pelos pontos de vista e de vida das crianças em tempos atuais, trazemos um pouco de suas vozes – conforme consta no quadro 1.

Quadro 1: Narrativas das crianças

| Pergunta: O que vocês sabem da história do lugar onde moram? | |
|--|--|
| Crianças | O que narram sobre o lugar |
| Anna Gabrielly (8 anos) | <i>Eu não sei, ninguém nunca falou. Nem na escola.</i> |
| Wemilly Vitória (6 anos) | <i>Só sei que o vovô mora aqui faz tempo.</i> |
| Alice (10 anos) | <i>Só sei que ela existe a muito tempo.</i> |
| Amaya (5 anos) | <i>Só conheço aqui onde é minha casa. É bem legal.</i> |

Fonte: Pesquisa de campo, 2025. **Org.:** Thalia Marques, 2025.

As falas das crianças evidenciam o que sabem e como percebem o lugar onde vivem. Com linguagem simples e espontânea, dizem de uma relação predominantemente afetiva e cotidiana com o território, ao mesmo tempo em que apontam uma lacuna significativa, que se trata de aspectos culturais e educativos históricos desconhecidos por elas. Revelam diferentes níveis de conhecimento e conexão com a história da comunidade, evidenciando desde a ausência de informações transmitidas até a valorização do espaço como um lugar de pertencimento, o que se pode exemplificar ao afirmarem não conhecerem profundamente a história da vila, embora reconheçam costumes, formas de viver e, por isso, demonstram orgulho em morar ali e alegria em interagir com o espaço.

Elas demonstraram um conhecimento restrito, fragmentado ou inexistente sobre a história da vila como frisado anteriormente. Anna afirma que *ninguém nunca falou, nem na*

a Marborges, que se estabeleceram na área a partir dos anos 2000. Fonte: <https://www.scielo.br/j/mercator/a/qZhBsJRmz4wjK8LCvq5YyzK/?format=html&lang=pt>.

escola; já Wemilly limita seu saber à vivência familiar: *o vovô mora aqui faz tempo*. Alice, reconhece que *ela existe há muito tempo*, porém, sem maiores detalhes. Amaya, por sua vez, trouxe-nos uma percepção totalmente imersa no presente: *só conheço aqui onde é minha casa. É bem legal*.

Essas narrativas apontam para uma história às sombras e oculta para as crianças, revelando um processo de silenciamento ou invisibilização histórica que impacta diretamente a forma como elas constroem seus vínculos com o território. O conhecimento histórico, nesse caso, se apresenta como resultado de experiências afetivas e de relações familiares no/com o lugar.

Nas falas das crianças, a vila aparece como um espaço cheio de casas, onde diversas famílias vivem próximas. Algumas destacam moradores antigos, como relata Anna Gabrielly (8 anos): *O seu Espedito mora aqui há muitos anos, ele já é bem mais velho e tem uma padaria perto da igreja que eu frequento*. O sentimento de afeto pelo lugar também aparece em falas como a de Wemilly (6 anos): *Eu gosto de morar aqui porque meus amigos também moram perto da minha casa. Aí eu sempre tenho pessoas para brincar*.

As crianças descrevem a vila como um espaço de paisagem rica e viva. Zuh Raiane (8 anos) comenta: *Tem muitas árvores aqui perto de casa. A gente gosta de pegar manga na que fica no ramal*. Wemilly (6 anos), por sua vez, acrescenta: *Eu gosto dos passarinhos quando eles cantam*. E, cada espaço frequentado possui um significado especial, como expressa Alice (10 anos): *Eu estudo na escola que fica perto da lanchonete que eu gosto. A igreja que eu vou é perto da casa nova da Gabrielly*.

Ainda que essas crianças apresentem certo desconhecimento sobre o processo histórico de formação da vila, elas vem construindo narrativas sobre e com o território, podemos dizer que hoje, a história construída pelas crianças se faz com base nas vivências no lugar, e em menor grau atravessa memórias transmitidas por moradores de mais idade, porque boa parte do contexto histórico permanece na lembrança desses moradores, mas, com o falecimento de muitos deles, o acesso a esse conhecimento ficou cada vez mais escasso, fragmentado ou até inexistente.

Do ponto de vista educacional, se acena para a função social da escola como mediadora do conhecimento histórico-cultural. A ausência de diálogo sobre a história local no espaço escolar precisa também focar nas memórias, nos saberes e nas experiências dos mais velhos em interação com as crianças, de forma a valorizar ambos os sujeitos, idosos e crianças, permitindo que suas vivências se tornem conteúdos culturais, lúdicos, pedagógicos e de conhecimento, capazes de ecoar no interior da escola e na prática educativa dos educadores. Afinal, a função

social da escola ultrapassa a simples transmissão de conteúdos curriculares, assumindo o papel de mediadora do conhecimento histórico-cultural que forma sujeitos críticos e conscientes da vida social. Quando a história local é negligenciada, cria-se um vazio no processo de construção da memória coletiva, afastando as crianças de suas raízes e enfraquecendo o sentimento de pertencimento.

Por isso, ouvir as vozes das crianças e de pessoas de mais idade é fundamental quando se trata de reconhecê-las como sujeitos de histórias. E as falas revelam essa potência das vozes infantis e dos ancestrais como produtores de sentido e de identidades. Ao expressarem o que vivem e sentem, as crianças mostram que sua relação com o lugar é significativa, ainda que desprovida de uma narrativa histórica formalizada.

Nesse sentido, valorizar essas narrativas significa reconhecer as infâncias como sujeitos históricos e epistemológicos, atores que produzem também aspectos culturais e educativos, em um plano informal. Torna-se, portanto, urgente repensar as práticas pedagógicas, ampliando o diálogo entre o conhecimento escolar e os saberes, entre o conhecimento escolar e as infâncias de modo que as crianças não apenas habitem o território, mas também conheçam sua história, compreendam sua importância e possam transformá-lo com consciência crítica.

1. 2 - O potencial de ser criança e do interior

Crianças do interior amazônico são singulares e sensíveis, esforçadas e resistentes, e com a pesquisa foi possível entender um pouco mais suas infâncias e seus envolvimento com o território nessas características pontuadas. A Wemilly, por exemplo, carrega no corpo essa sinergia, vive brincando na terra, corre descalça, não vê problema na poeira ou no barro. Muitas vezes, sua mãe a chama para entrar, após um tempo de fuga para os espaços abertos na sua rotina alegre de chãos e de mundo infantil. A menina, faz comidinha com a terra, transforma folhas em brinquedo e no quintal faz corridas soltas.

Gusmão (2012, p. 175) nos diz que “a criança e a infância que lhe é própria são também o enigma que nos desafia, desafia nosso conhecimento e nos coloca diante da circunstância de ter que admitir que não sabemos tudo, não detemos todo o conhecimento disponível sobre a realidade e as coisas”.

Ao se falar de criança se toca na infância. Mas, são conceitos diferentes. Pinto & Sarmiento (1997, p. 101, *apud* Pamphylio, 2010, p. 20) destacam uma importante distinção: embora as crianças sempre tenham existido, desde os primeiros seres humanos, a infância, enquanto uma construção social, é algo mais recente, datado dos séculos XVII e XVIII. Ou seja, a visão que se tem da criança é algo historicamente construído.

Assim, reconhecemos tais sujeitos em pleno movimento e energia vital na pesquisa, acompanhamos suas relações, práticas e saberes, em que elas foram também protagonistas no trabalho, conduzindo grandemente as atividades no âmbito de seu potencial, brincadeiras e interações. Dessa maneira, concordamos com a afirmação de que elas têm um lugar social próprio, pois “[...] sabem de si, sabem onde estão, o que faz parte de suas vidas; conhecem seu mundo; e se confrontam com os princípios de pertença e identidade que lhes são atribuídos” (Gusmão, 2012, p. 164).

As crianças dessa vila, em seus jeitos próprios, revelam um viver enraizado nas relações que constroem com os irmãos, os amigos, os vizinhos, com aqueles que dividem os dias e os sonhos. As ausências e as labutas por vida digna na Amazônia. Com a intensidade dos desafios que os rodeiam, vivem o chão que acolhe os passos até a escola, a terra que suja os pés e as mãos em seu contato diário, a rua é o espaço da brincadeira, as árvores oferecem sombra e mistério para suas conversas, o vento sopra leve sobre toda essa produção infantil. É nesse entrelaçamento de afetos e natureza, de ausências e de labutas que suas práticas sociais ganham formas simples, livres, profundas, alegres e com choros como uma infância vivida com verdade e luta, devaneio e riso, como tentamos dizer também com as fotografias.

Na imagem 6, Wemilly, Alice e Derick acompanham atentos a brincadeira de Anna Gabrielly com um objeto que Wemilly havia encontrado no quintal, tipo um quadrado e com lente que estreitava a visão. Esse objeto tornou-se a atração, por fazerem funcionar como uma câmera, e as crianças passaram horas revezando o olhar no brinquedo, criando histórias e dando asas à imaginação: *Eu vou ver a natureza, tirar fotos da natureza* (Wemilly, 6 anos); *Eu vou olhar vocês bem de perto* (Anna Gabrielly, 8 anos).

Imagem 6: Interação das crianças. **Fonte:** Registro da autora, 2025.



As crianças, em suas brincadeiras, transformam objetos encontrados no quintal em instrumentos simbólicos de exploração. No caso retratado, fazem uma câmera para observar e

interpretar o ambiente ao redor. Sobre este ponto, na visão de Gusmão (2012), a criança aprende e compreende o mundo a partir de experiências vivenciadas e de relações entre o que já sabe e o que observa, ouve e se conecta. Nessa perspectiva, a infância é entendida como um tempo de descobertas e de produção de saberes, em que a criança atua de forma ativa na interpretação e na ressignificação do mundo que a cerca. A cena descrita acaba por ilustrar, de maneira concreta, o processo de aprendizagem e diversão em meio a outras crianças e em espaços abertos.

Nas imagens 7 e 8, Wemilly e Derick aparecem entregues à imaginação, e seguem nessa rota construindo castelos com terra, no quintal da avó. Sem ligar para a sujeira, deixam-se envolver pela ação: sentam, moldam e criam com terra e correm descalços.

Imagens 7 e 8: Mão no chão, terra ao vento. **Fonte:** Registro da autora, 2024.



Vemos perfeitamente a conexão entre infância do campo e território perfazendo a constituição das experiências infantis de crianças dos territórios amazônicos. Nesse sentido, Pojo e Pereira (2024, p. 61) destacam que é na terra em extensão com o ramal e o quintal, a floresta e a várzea, que as infâncias se avolumam em memória, identidade e pertencimento. A terra, de diferentes formas e ambientes, aparelhada a outros elementos como pedras, árvores e águas pode ser vista também como espaço de produção de sentidos, em que as crianças criam e recriam o mundo.

Nessa perspectiva, a terra integra a experiência da criança do campo. Em suas brincadeiras, elas ressignificam a rua, transformando-a em espaço de invenção e convivência. Brincam juntas, em sintonia, revelando um modo de viver marcado pelo movimento constante e inusitado, como mostra a imagem de corpos em ação.

Imagem 9: Corpo e movimento na rua. **Fonte:** Registro da autora, 2024.



Desde os primeiros encontros da pesquisa, uma marca se fez constante: o gosto das crianças pelas brincadeiras em grupo, por brincar ao ar livre e com a natureza. Brincar, para elas, não é passatempo, é entrega vital, porque movimenta o corpo inteiro: olhos atentos, mãos criadoras e corações livres para risos, gritos, pensares e criações. Foi assim durante as atividades, e ao ouvirmos as crianças em suas coisas de rua, tipo: *A gente sempre brinca na rua de tarde* (Hayra, 7 anos); *A gente brinca de pira pega, pira se esconde. A gente corre junto e é divertido* (Anna Gabrielly, 8 anos).

A próxima imagem é de recreação na Rua Nova com a brincadeira de pira pega, pelas meninas Wemilly, Anna Gabrielly, Rayra e Zuh Raiane, e sob o olhar atento de familiares que, em determinados momentos, também se juntam à diversão.

Imagem 10: Pira pega na rua. **Fonte:** Registro da autora, 2024.



Nas imagens a seguir, o brincar de Anna Gabrielly e Wemilly, mais uma vez entrecorta o contato direto com a terra e os espaços, como o do quintal de uma casa, e em produção de

uma cultura infantil elas transformam coisas, pensamentos e ações em brinquedos, brincar, brincadeira, em momentos de interação e a imaginação ganha forma de cozinha como aparece nas imagens 11 e 12. E esse cenário é explicado assim: *Eu tô fazendo um bolo de terra pra gente servir* (Wemilly, 6 anos); *Enquanto a Wemilly faz o bolo, eu preciso de água para colocar na vasilha e ir mexendo a comida* (Anna Gabrielly, 8 anos).

Imagens 11 e 12: Brincar de comidinha. **Fonte:** Registro da autora, 2025.



Imagem 13: Brincadeira de comidinha. **Fonte:** Registro da autora, 2025.



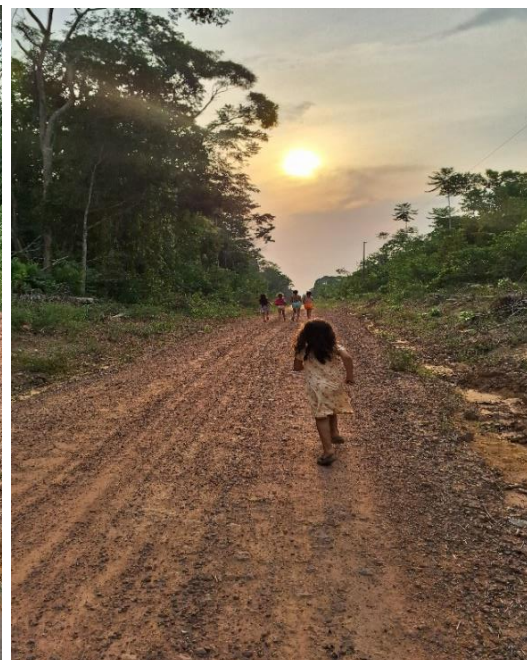
Ou ainda, situamos com o deslizar das bicicletas que arrancam sorrisos (imagem 14 e 15). A cena destaca o brincar como produção corporal espontânea e de prazer, assim como a rua se transforma em espaço de socialização e da infância com direito ao espaço público.

Imagem 14 e 15: Brincar e movimento corporal. **Fonte:** Registro da autora, 2025.



Como parte do interagir, as crianças frequentemente percorrem os quintais e ramais próximos de suas casas, explorando a natureza do lugar e, assim, vão aprendendo a se harmonizar com seres vivos e o todo da comunidade, como revelam as imagens abaixo. A vivência mostra a interação com o ambiente e no espaço comunitário, constituindo a natureza como território educativo.

Imagens 16 e 17: A natureza no cotidiano através do explorar. **Fonte:** Registro da autora, 2024.



As imagens, como já dito, evidenciam a relação das crianças com o ambiente natural, destacando a exploração das coisas, paisagens e a aprendizagem. Elas, no cotidiano amazônico do lugar onde vivem, partilham suas vidas em mediação com o ambiente natural, sendo este um *playground* vivo.

Brincar e interagir significa experimentar e se divertir na natureza, são formas de explorar o mundo e adentrar seus próprios mundos; formas de construir saberes e experiências de vida. Nesse processo, o território onde se vive é um laboratório de experimentos. A natureza que as abraça, por si só, é um espaço desse laboratório e do cotidiano delas, funcionando como elemento na construção de suas identidades. É nesse cotidiano que:

As crianças apresentam em seus saberes culturais a tradução das suas vozes, suas histórias de vida, experiências, valores, crenças, costumes, concepções de mundo e de si, os novos significados e sentidos que concebem as coisas, saberes esses que são constituídos no cotidiano mediante em situações como nas interações sociais e no brincar com os seus pares (Brito & Marques, 2021, p. 85).

Os pressupostos teóricos dos autores mencionados bem como as evidências das crianças do campo amazônico só confirmam a criança como sujeito histórico, social e cultural, produtora de significados e saberes. E no cotidiano, as brincadeiras e interações transformam-se em um território de aprendizagens significativas, no qual as crianças reinterpretem o mundo e se afirmam como sujeitos de cultura e de saber.

Podemos dizer que as produções das crianças da vila contornam brincar e interagir como já dito. E entre as brincadeiras que ganham vida ali, algumas têm lugar especial no coração das crianças como pira se esconde, pira pega, amarelinha e pira garrafão, todas protagonizadas na rua, segundo os relatos das crianças.

Mas, a rua é mais do que campo de jogo, do lúdico ou da recreação. Ela pulsa imaginação e interação, e foi o que presenciamos quando as crianças se agacharam devagar, como quem escuta o chamado da terra. Com o olhar atento e as mãos curiosas, começaram a desenhar no chão (imagens 18 e 19) traços construindo casas, árvores, eles mesmos; cada risco carregava um sentido, mesmo que só elas soubessem. Era o mundo delas sendo recriado ali, no silêncio leve da infância, onde não havia certo ou errado, mas o prazer de expressar, marcar o asfalto e o desenho da imaginação.

Imagens 18 e 19: O desenhar na rua. **Fonte:** Registro da autora, 2024.



Os diálogos que surgiam nesses momentos eram simples, vivos e cheios de significado. Entre uma conversa e outra, as crianças falavam da rotina na escola, trocavam risos ao contar das brincadeiras que ocupam suas tardes, quando a rua se transforma em quintal e meio de interação dos vizinhos. Mas, também, dialogavam sobre os saberes que carregam, exalando cultura e conhecimentos construídos em sua infância.

Por exemplo, nas conversas com meninas, o igarapé que fica no ramal que vai para a Vila Natalzinho⁶, o qual se entrecruza com a Rua Nova, e próximo de algumas de suas casas, surge como rota de conhecimento quando elas sugerem que fôssemos até ele. Nessa ocasião houve, da parte delas, animação e condução pelo caminho. E assim seguimos conversando sobre o espaço do igarapé quanto a importância, o que gostam de fazer nele e a natureza do espaço, como destacou a menina Anna Gabrielly (8 anos): *Pra chegar no garapé⁷ a gente tem que andar nesse ramal. Não é muito longe, a gente sabe onde fica.*

As meninas contaram que costumam tomar banho em companhia de familiares e amigos, mas que não vem com frequência. *A gente brinca de pira na água, pula e mergulha, mas faz tempo que a gente não vem* (Wemilly Vitória, 6 anos). *A água tá suja agora, é inverno* (Anna Gabrielly, 8 anos).

⁶ É uma outra vila, que possui acesso intermediado por um ramal situado próximo da Rua Nova e da Tv. São Benedito.

⁷ Os moradores costumam falar assim para igarapé.

Imagem 20: O igarapé. **Fonte:** Registro da autora, 2024.



Elas informaram ainda que, no período do inverno, o igarapé fica com a água suja (imagem 20) devido às chuvas, o que foi explicado assim: *O papai diz que a água fica suja assim porque tá chovendo muito. Mas no verão, quando tiver bastante sol, vai ficar mais limpa e a gente vai tomar banho* (Anna Gabrielly, 8 anos). Essa compreensão diz dos saberes transmitidos oralmente e construídos com base na experiência.

As narrativas que emergem do encontro com as crianças carregam a potência de uma infância viva, marcada pela simplicidade que não se esgota no trivial, mas situa práticas produtivas reveladoras de subjetividade e de memórias infantis sendo construídas. Os relatos expostos no quadro 2, evidenciam um pouco dessa assertiva, trazida como uma infância que também é sentida e construída na experiência sensorial e simbólica, que se alcança na rotina prazerosa de conviver com o território.

Quadro 2: O que dizem as crianças sobre seu lugar

| Crianças | O que narram |
|--------------------------|---|
| Wemilly Vitória (6 anos) | <i>Eu gosto de morar aqui e brincar com as meninas na rua. Correr descalço no chão é legal.</i> |
| Zuh Raiane (8 anos) | <i>Eu gosto de morar aqui porque dá para brincar com as meninas.</i> |
| Kaila (8 anos) | <i>Tem muitas árvores que dá pra gente subir.</i> |
| Zuh Raiane (8 anos) | <i>É legal andar de bicicleta no Ramal.</i> |
| Derick (6 anos) | <i>Brincar na rua é muito divertido.</i> |

Fonte: Pesquisa de campo, 2024-2025. **Org.:** Thalia Marques, 2025.

Ao dizer: *Eu gosto de morar aqui* a criança não apenas nomeia um local, mas declara pertencimento. O *aqui* demonstra saber do lugar e um espaço que abriga histórias, descobertas e amigos. É um lugar que permite brincar, correr, subir em árvores, fazer comidinha com a/na terra, dançar na chuva como dito. Nesse sentido, o espaço é uma categoria política, cultural e

de significação de pertencimento porque é experienciado, apropriado e ressignificado pelas práticas culturais infantis, conforme situado em mais um quadro tratando dessa questão.

Quadro 3: Relações e convívios

| Crianças | O que narram |
|-----------------------------|--|
| Wemilly Vitória (6 anos) | <i>Eu gosto de brincar do lado de fora porque dá para correr e brincar com outras crianças. Aqui eu tenho muitos amigos. Eu gosto de desenhar minha família porque amo. Eu gosto de brincar com a Amaya e o Adriel.</i> |
| Anna Gabrielly (8 anos) | <i>Gosto de tomar banho na chuva correndo na rua, porque parece que eu tô muito rápida quando corro na chuva. Acho divertido ficar deitada no chão e sentir os pingos de chuva caindo. É muito legal. Eu vou para a mesma escola onde meu pai trabalha. As meninas também. A gente gosta de brincar do lado de fora de casa porque dá pra correr, pular. E não é calor por causa do vento e das árvores.</i> |
| Wemilly Vitória (6 anos) | <i>Eu prefiro brincar de pira se esconde, sou diferente da Gabrielly.</i> |
| Alice (10 anos) | <i>Eu gosto de pira pega, mas também gosto de ir no balanço perto da casinha da Gabrielly.</i> |
| Amaya (5 anos) | <i>Eu gosto de brincar com a terra, fazer comidinha junto com a Wemilly.</i> |

Fonte: Pesquisa de campo, 2024-2025. **Org.:** Thalia Marques, 2025.

As falas das crianças reforçam a centralidade da brincadeira, dos espaços-tempos vividos, da natureza do território, dos desejos insanos e de alegria ao corpo, de uma linguagem da infância. Ao afirmar *Gosto de tomar banho na chuva correndo na rua, porque parece que eu tô muito rápida*, a criança nos oferece uma metáfora potente: correr na chuva é correr no tempo, experimentar a liberdade plena, sentir-se parte do movimento do mundo. Essa outra fala: *Eu gosto de brincar do lado de fora porque dá para correr e brincar com outras crianças*, revela a sociabilidade intrínseca à infância, com o gosto do encontro, do jogo partilhado e do brincar coletivo.

Outro aspecto que ressoa nas suas práticas são as relações estabelecidas com fios da amizade e da convivência cotidiana. *Aqui eu tenho muitos amigos* é uma afirmação que revela o lugar como espaço de vínculos e de interações, para além do convívio social da escola por exemplo, evidenciando que na comunidade também se estabelece relações que vão do ser criança com vínculos e pertencimento, até os espaços da rua, dos quintais e campos de futebol. Tais processos conformam extratos dos sujeitos em experiência e constroem um tipo de produção cultural e educativa que buscamos trazer nas dimensões do brincar, aprendizado, autonomia e da criação.

Quadro 4 – Sobre produções culturais e educativas de crianças

| Dimensão | Elementos identificados |
|----------------------------------|--|
| Produções Culturais e Educativas | <ul style="list-style-type: none"> - Brincadeiras coletivas, como pira pega, pira se esconde, amarelinha, balanço. - Jogos simbólicos: o faz de conta nos cenários criados nas brincadeiras de comidinhas feitas no espaço da terra. - Arte com as mãos, no chão e nas ruas criando casas, árvores, pessoas e histórias. - Narrativas do território e de memórias: histórias sobre o igarapé e a rua, recheadas do vivido nesses espaços. - Aprendizado ambiental e sensorial no contato com a natureza: ouvir passarinhos, plantar, subir em árvores, banhar-se na chuva, passeios e recreações nos espaços locais. - Transmissão geracional e pela oralidade: os horários apropriados para estarem em espaços abertos e ao ar livre, as mudanças no espaço do igarapé. - Autonomia e protagonismo infantil: cooperação e coletividade, organização de regras e condução de brincadeiras; liderar percursos. |

Fonte: Pesquisa de campo, 2024-2025. **Org.:** Thalia Marques, 2025.

As produções culturais e educativas das crianças dessa comunidade enlaçam experiências, relações e práticas realizadas no contexto comunitário. Sendo, na maioria das vezes, desconsiderada dos currículos escolares como viemos afirmando ao longo do trabalho.

Entre suas características, destacam-se o vínculo e a mobilidade com e no território, a ludicidade arquitetada, entre outros aspectos, com elementos da natureza compondo uma narrativa e produção da infância ali. As brincadeiras, jogos simbólicos e relações sociais constituem produções culturais e educativas de crianças, porque traduzem modos de viver, de conviver, de afetar e sentir-se afetado, iniciando com as relações estabelecidas. Sem contar que tais vivências articulam sensibilidade, corporeidade e aprendizado ambiental.

A convivência comunitária se faz dia a dia e de muitas maneiras, possibilitando a transmissão de saberes e da oralidade, como citado com o que vem acontecendo com o igarapé. Esta produção cultural e educativa é parte do processo identitário e de produção infantil naquele local, porque auxilia no pertencimento e no aprendizado de valores de ser do interior amazônico. Os produtos desse viver, conviver e de amorosidade com o lugar onde vivem, perpassa pelo tipo de brinquedos, pelo contato com o chão, a terra e demais elementos naturais. Perpassa pela relação com o território e com a memória local junto dos de mais idade.

Ser criança do interior amazônico da comunidade da Vila Guarumã, mostra-se na liberdade, na criatividade e na relação com o espaço natural e social, com ausências ou a insuficiência nas relações afetivas e de cuidado no seio familiar e, ao mesmo tempo, com interações intergeracionais que contribuem para a transmissão oral de conhecimentos. Essa potência é a própria autonomia e protagonismo diante das suas práticas sociais no âmbito da mobilidade, da corporeidade, da ludicidade, da vivência comunitária e do convívio entre pares como relacionamos no quadro 4.

Sobre a criança do interior, especificamente do campo amazônico, Pojo & Freitas (2022, p. 14) enfatizam que:

[...] nesses e noutros espaços naturais elas aprendem informalmente a entender e a se relacionar com tais espaços e com todo um conhecimento que o ambiente amazônico pode proporcionar; conectam-se, ainda, com as belíssimas histórias lendárias, com os simbolismos e com as paisagens que o ambiente irradia, apenas por estarem lá, indo e vindo, no espaço-tempo dos lugares. O movimento livre ou acompanhado na comunidade é importante como uma forma de ensinar-e-aprender um saber prático. Permite às crianças observarem a natureza e a dominarem saberes e terem destreza no agir.

A infância, assim, se constrói na relação entre brincar, natureza e comunidade, revelando crianças como sujeitos de saberes e histórias.

Neste capítulo, trouxemos ideias sobre a criança na Vila Guarumã que ainda vive intensamente uma infância em diálogo com a natureza e na coletividade comunitária, ainda que marcada também pela ausência de registros históricos formais da participação destas, até porque naquela época, a criança não possuía voz nem reconhecimento, sendo vista apenas como um mini-adulto⁸.

Mas, existe uma lacuna significativa na transmissão histórica e cultural intergeracional da história local, e cuja atualidade das crianças em suas infâncias ganham lugar construído por elas próprias devido às ricas vivências infantis e produtoras de uma identidade amazônica da/na comunidade. Embora, talvez, sem a devida clareza dos adultos e de questões similares vividas pelas crianças.

Outrossim, valorizar essas experiências e narrativas infantis implica reconhecer as crianças do interior como sujeitos históricos, produtores de cultura e de saber, cujas produções culturais e educativas trazidas neste trabalho, como exemplo, é uma força que contribui para a preservação da memória e da identidade amazônica, em termos mais amplos. Assim, reafirma-se a necessidade de valorizar narrativas e práticas infantis como parte da produção cultural e educativa do campo, pois tornam-se patrimônios da comunidade e porque também ainda são frequentemente invisibilizados pela escola e pela sociedade.

Nesse sentido, a produção cultural assenta-se na forma autônoma das crianças em termos de circularidade aos espaços, as dinâmicas de socialização, aos processos de organização e de condução dos brincares, aos aprendizados com adultos e desse modo de viver no interior, nesse caso a vila e a comunidade como dizem os moradores. Enquanto a produção educativa

⁸ Este conceito atribuído às crianças remete a uma visão histórica, especialmente predominante na Idade Média, em que elas eram percebidas como adultos em miniatura, sem o devido reconhecimento de suas particularidades e necessidades. Assim, “a consciência da particularidade infantil não existia” (Ariès, 1981, p. 125). Fonte: <https://blog.portaleducacao.com.br/historico-do-desenvolvimento-da-infancia-desde-a-idade-media-ate-os-dias-de-hoje/?amp>; ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

diz respeito à forma singular de captarem todo esse acervo cultural e tomarem para suas vidas em bem viver, satisfação e ato lúdico. Tomando as dimensões, cultura e educação, indissociáveis.

CAPÍTULO II

CRIANÇAS EM SUAS INFÂNCIAS AMAZÔNICAS: TERRITÓRIO, LUDICIDADE E SABER

Este capítulo, em continuidade ao primeiro, busca evidenciar como as crianças amazônidas vivenciam suas infâncias em relação ao território e a ludicidade, situando significados que elas mesmas atribuem aos espaços e lugares, as brincadeiras, com o saber e ao meio natural, sempre com base nas suas vozes e vivências. O fazemos de forma narrativa e descritiva, e apoiado nas observações de campo e atividades realizadas com as crianças, sem contar nas referências teóricas.

2.1 - A relação criança-natureza

Em uma das vivências da pesquisa ocorreu uma roda de conversa que perpassou pelas crianças se manifestarem sobre o lugar onde residem, e logo foi sugerido por uma delas produzir desenhos (imagem 21) que retratassem suas opiniões, o que sabem e/ou achavam relevante mostrar. Foram respostas situadas pela imaginação em cores e rabiscos, de olhares únicos sobre o mundo que habitam nelas e pelo habitado por elas.

Imagem 21: Atividade de desenhar. **Fonte:** Registro da autora, 2024.



Ao longo da criação dos desenhos, foi possível sentir no ar, o eco suave das conversas que brotavam entre as crianças. Nesse instante, cada traço no papel tornava-se uma representação com múltiplos sentidos, e nesse sentido Gobbi (2012, p. 136) nos traz a ideia de que o desenho é:

[...] um fragmento que permite, aos olhos sensíveis, refletirem e aprenderem mais sobre os meninos e meninas, ou mesmo sobre seu processo de criação, considerando que são criações e recriações de diferentes realidades. Concebendo a criança como construtora de culturas, seus desenhos podem ser vistos como suportes que revelam aspectos diversos das próprias culturas nas quais está inserida.

E tal perspectiva é reafirmada pelas meninas em suas criações, pois, o desenho não era apenas uma atividade lúdica, mas um território simbólico, onde a subjetividade infantil se fazia visível e compartilhada.

Desenhos 1 e 2 – Wemilly e Alice.



Fonte: Registro da autora, 2024.

Os desenhos de Wemilly, de Alice e das outras crianças foram produzidos no momento da roda de conversa conforme mencionamos. Neles, aparecem elementos da natureza, como sol, água e árvores, revelando a conexão que tais sujeitos mantêm com o espaço natural, e que é frequentemente compartilhado em grupo, como retratado nos desenhos. Assim, tais produções assumem o caráter de uma narrativa meio comum, da natureza inscrita naquela cultura infantil.

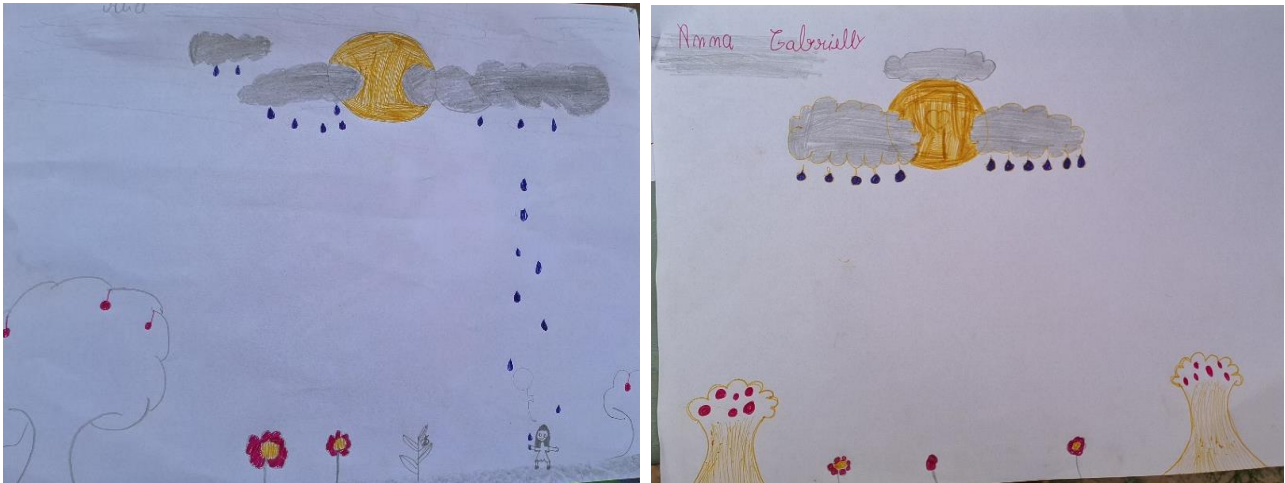
Desenhos 3 e 4 – Kayla e Wemilly.



Fonte: Registro da autora, 2024.

Durante as atividades, as crianças ficaram livres para escolher desenhar ou não. Dessa forma, Wemilly fez vários desenhos, os quais retratam elementos presentes do cotidiano: o trajeto para a escola, a casa, as borboletas e a irmã. Mais do que simples representações visuais, tais escolhas evidenciam a forma como cada um/uma elabora e organiza suas experiências de mundo naquele lugar. Trata-se, portanto, de um processo de elaboração que ultrapassa o plano visual, constituindo-se como um meio de estruturar e dar sentido à realidade.

Desenhos 5 e 6 – Alice e Anna.



Fonte: Registro da autora, 2024.

Esses desenhos refletem visões de mundo das crianças como dito. Eles são representativos do lugar onde vivem, com os espaços e elementos daquele contexto paisagístico e que se mistura com o pertencimento por parte delas. Dizem também das relações de grupos nesse mundo natural. Cada traço revela um pedaço do mundo que lhes é íntimo, contado a partir de suas próprias visões e sentimentos. Segundo Gobbi (2012), o desenho vai além da simples reprodução da realidade, constituindo-se como uma prática social repleta de significados.

O desenho pode ser visto como arte e, por isso, se configura como uma linguagem simbólica e cultural, por meio da qual a criança expressa seu olhar e o inscreve como parte da cultura vivida, nas diferentes dimensões da produção cultural e infantil, conforme delineado aqui pelos gestos cotidianos, brincadeiras e outras formas de interação, o que se evidencia pelas imagens 22 e 23.

Na imagem 22, Anna Gabrielly e Zuh Raiane aparecem interagindo no espaço do quintal e em cima de um cercado em busca de colher os frutos da árvore de acerola. Elas estavam obedecendo o pedido da mãe de Anna, que queria fazer suco para as meninas. A cena ilustra algo que é produzido na vida delas, de saborear os frutos da região e lidar com os plantios dos quintais.

Imagens 22 e 23: Atividades no quintal. **Fonte:** Registro da autora, 2024.



A imagem 23, por sua vez, destaca os brincades que também acontecem no espaço do quintal. Adriel se balança ao vento num balanço feito de corda amarrada em árvore e um pedaço de madeira para sentar. Já Wemilly com a terra, utiliza as mãos e um recipiente para brincar com a imaginação. Naquele momento as crianças vivenciam plenamente o contato com o território e com o outro.

Na mesma direção, a de aproveitar da cultura, no quadro 5, são evocados usos e sentimentos com/da natureza como mencionado mais de uma vez. Essa conexão de estar ao ar livre, interagir com animais e observar é também aprendizado da diversidade sociocultural e socioambiental, do ecossistema Amazônia. Ao mesmo tempo, em que estão, literalmente, alimentando bem o desenvolvimento integral e infantil de cada um/uma.

Quadro 5: Usos e sentimentos com/da natureza

| Crianças | O que narram |
|--------------------------|--|
| Hayra (8 anos) | <i>A chuva é importante porque acaba com o calor.</i> |
| Anna Gabrielly (8 anos) | <i>Ela também molha as plantas e ajuda. Todo mundo precisa de chuva.</i> |
| Derick (6 anos) | <i>Brincar na rua é divertido, a gente ouve os passarinhos.</i> |
| Andrya (5 anos) | <i>Tem muitos passarinhos mesmo.</i> |
| Wemilly Vitória (6 anos) | <i>É legal quando a gente vai pro guarapé tomar banho, a gente mergulha muito.</i> |

Fonte: pesquisa de campo, 2024-2025. **Org.:** Thalia Marques, 2025.

Trata-se de uma natureza viva e dotada de significados conforme afirmam as crianças em suas manifestações trazidas no texto sob a forma de falas, corpos expressos nas fotografias ou nos gestos de seus desenhos. A chuva, por exemplo, é celebrada: *A chuva é importante porque acaba com o calor*. Também serve, segundo elas, para molhar as plantas, refrescar os corpos e o brincar. Dizem que há árvores para subir, pássaros para observar, ventos que tornam a rotina agradável. E em dias atuais que o interior se copia, por vezes, às cidades metrópoles

em muitos aspectos – uso de telas e a distância dos espaços naturais –, observar e vivenciar a natureza, e ser do interior por si só configura uma potente prática/produção cultural e educativa que alimenta nossa humanidade.

Em campo e sabendo que elas costumam ir para a casa da avó no interior, perguntei sobre o que mais gostam de fazer quando estão lá. Com os olhos fixo em lembranças, contaram, com alegria, que adoram ir ao centro⁹ com o pai. Curiosa para saber desse carinho pelo lugar, perguntei o motivo, e as respostas vieram, simples e cheias de vida: *A gente gosta de ir para o centro porque a gente brinca lá*, disse Anna Gabrielly (8 anos), com a leveza de quem vivencia o território com alegria. *A gente planta também, é muito legal mexer com a terra. A gente já plantou rambutã, naputa, manga*, completou Wemilly (6 anos), demonstrando seu encantamento por poder sentir a terra com as mãos.

Segundo Tiriba (2017, p. 75), “As crianças se lançam à natureza porque, como todos os seres vivos, estar nela lhes assegura permanecerem sendo o que são, sendo o que as constitui”. Além disso, essas vivências contribuem para a ampliação do repertório cultural e social que sustenta o processo de construção identitária de meninas e meninos. Neles, as crianças aprendem a se relacionar com os saberes da terra e das águas, da cultura local e dos ancestrais, reconhecendo e participando das práticas cotidianas como as ligadas à agricultura, ao retiro, ao plantio e ao cultivo do açaí (Pojo; Pereira, 2024).

Dessa forma, se reforça a visão da educação e da cultura imbricadas, presentes na formação das crianças. Como vimos em campo, as crianças, as brincadeiras e a natureza caminham juntas e tornam-se inseparáveis de uma infância vivida com o corpo inteiro. Foi o que nos confirmou umas das mães das meninas, do quanto elas gostam de ir para a casa da avó e da bisavó, no interior. Para elas, estar na natureza desse interior da vila é um respiro de calma e diversão, e em grupo. Ali, encontram-se com espaços abertos, sentem o vento, a chuva, o sol e a terra em um outro lugar, demonstrando o quanto gostam de movimento. E a natureza é companheira delas nas aventuras e descobertas.

Na terra, as crianças aprendem em companhia de adultos e de outras crianças não apenas nomes, usos e características de árvores, plantas e animais, mas também andam nos espaços laborais das roças, dos roçados e de retiros; aprendem dos tipos de cultivares, dos utensílios utilizados nos afazeres, do crescimento dos cultivos; identificam os donos das propriedades bem como têm noções sobre os processos de gestão das tarefas laborais agroextrativista (Pojo & Freitas, 2022, p. 14).

Quando olhamos para esse contexto social e dessas interações, percebemos que o brincar ao ar livre e no espaço da natureza vai além de mera diversão, torna-se uma experiência biofílica

⁹ O termo centro refere-se a um espaço grande de terra, espécie de sítio, e com plantações e agricultores.

única, em conexão com árvores, pedras, folhas, céu aberto, que as crianças aprendem, com o corpo e o coração. Nesse cenário vivo e espontâneo, nasce também um vínculo profundo com o mundo natural, devido ao contato evocar pertencimento, aprender a ter carinho pelo ambiente que também as acolhe. E desse afeto brota o valor de cuidar da mãe terra com todos os seres do planeta, de algo que faz parte de si.

O capítulo trouxe por meio de diversos registros e diálogos as interações e brincadeiras que as crianças realizam, demonstrando que a natureza não se apresenta apenas como cenário, mas como parte constitutiva daquela cultura e de seu cotidiano. Ainda, as atividades infantis apresentadas por meio dos desenhos, brincadeiras, narrativas e práticas comunitárias, expressam formas próprias de viver a infância amazônica. Nos desenhos, aparecem elementos da natureza que representam pertencimento com o território, são exemplos: os banhos, as recreações, os convívios; nas brincadeiras ao ar livre e na ludicidade construída com a parceira natureza que foram evidenciadas nas narrativas de chuva, com os animais e plantas.

São processos vivenciados e de experiências que se tornam, sim, produções culturais e educativas porque articulam conhecimentos ambientais, sociais e afetivos. São demonstrativos que educação e cultura são aspectos que se complementam e são dimensões que conduzem tanto ao aprendizado das crianças quanto ao bem viver, ao seu processo identitário, recheadas de práticas comunitárias e extrativistas transmitidas de maneira intergeracional.

Assim, para além da descrição das produções culturais e educativas sinalizadas ao final do capítulo I, podemos dizer que no aspecto cultural, soma-se ainda o legado de uma Amazônia das crianças como valor no ordinário da vida. E no aspecto educativo, as formas das ajudas mútuas, relacionais e lúdicas como processos informais de ensinar-e-aprender realizadas no cotidiano.

O capítulo abordou aspectos do território, ludicidade e saber. O território entendido como espaço vivido, repleto de memórias e identidades; a ludicidade, como parte essencial da infância que, no caso dessa vila, nasce da interação com a natureza e se faz no coletivo; e o saber presente na comunidade passeia junto das crianças, fazendo-se aparecer nas práticas infantis entre corpos e espaços. Na relação criança-natureza, ficou evidente as vozes infantis no brincar, pertencer e aprender nesse pedaço da Amazônia como uma produção cultural e educativa potente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar com as crianças desse interior da Vila Guarumã, perpassou por aprender a observar, desde o ritmo delas e ter um olhar curioso para o território e o modo de viver das crianças. Representou conhecer um grupo de crianças que vivenciam a natureza como casa da alegria, abrigo de bem viver ao corpo, locais de encontros e invenções.

As vivências das crianças dessa comunidade fazem ecoar o que Pojo & Freitas (2022), Brito & Marques (2021) e Gusmão (2012) anunciam: a infância é território de cultura, de invenção e de saberes que se constroem na relação vivificada no/com o mundo. Nessa mesma direção, Silva & Pasuch (2010) acreditam que os modos próprios de vida no campo são centrais na constituição da identidade das crianças rurais, e, no contexto amazônico, essa identidade é alicerçada na natureza que as acolhe, pelo vento que atravessa as casas e pela coletividade que sustenta seus viveres. As crianças revelam, com sua força e sensibilidade, que cultura e educação caminham juntas no chão fértil da Amazônia, onde o brincar fala a língua das infâncias e a cultura tece os fios das memórias, dos pertencimentos e dos saberes aprendidos no cotidiano.

Na natureza criam laços com o território, constroem brincadeiras coletivas e aprendem a valorizar esse cotidiano, como se apresenta nos desenhos, falas e relatos cheios de vida. A rua, para elas, é movimento e passagem. É território de afeto, de criação, de liberdade.

Nos momentos de grupo, elas exercitam formas de interação e de memória afetiva para e entre si, porque ali se relacionam e vivenciam suas próprias histórias. De memória afetiva com o território. Na experiência dessas crianças, a rua escapa da função que a cidade lhe deu, para o trânsito, deslocamento, e ganha sentido também de lugar de pertencimento, de criação coletiva, de expressão do ser.

Na rua, além de circularem entre casa e escola, mercado e pracinha, nas ruas Nova e das Malvinas, as crianças ditam e fazem circular na intensidade dos corpos suas produções próprias, culturais e educativas. Elas vivem o cotidiano e a construção de conhecimentos, aprendizados e experiências. Cada brincadeira é um ato criador e cada encontro uma vivência carregada de sentidos. Ali se constroem conhecimentos, aprendizagens e memórias que nenhum manual urbano previu. A rua, sob o olhar delas, não é somente trânsito, é espaço de vida e de se construir um olhar sobre o mundo.

Estar com elas foi um deleite no processo de pesquisa, sempre permeado pela escuta, presença e olhar atento. Pesquisar com elas, então, significou estar disponível para esse encontro, reconhecendo que elas dominam com propriedade o espaço que habitam. Sabem por onde andam, o que buscam, o que criam.

Como parte dessa produção e uma forma de devolutiva junto à comunidade, principalmente as crianças da Vila Guarumã – localizada no município de Acará, Pará –, estamos em fase de elaboração de um produto educativo em forma de folheto informativo (cartilha) visando dar visibilidade às crianças em suas infâncias amazônicas, resultante desta investigação. O material busca focar nas vivências e narrativas que emergiram durante o trabalho de campo, revelando potencialidades da produção da cultura infantil do campo. E, mais do que descrever práticas, esse material sintoniza-se com a escuta sensível realizada com base nas vozes, corpos e afetividades infantis, reafirmando que nas políticas e práticas educativas tais produções precisam ter eco. Reconhecer essas experiências é fundamental para construir uma educação que valorize a diversidade cultural e os saberes locais, fortalecendo a identidade das crianças do campo e ampliando as possibilidades de uma sociedade mais justa e plural.

As produções culturais e educativas das crianças da Vila Guarumã, Acará/PA, revelam um cotidiano marcado pela criatividade, pela convivência comunitária e pelo contato com a natureza. As produções culturais e educativas se complementam e confluem entre si, destacando-se as brincadeiras coletivas ao ar livre e na natureza, a imaginação apoiada pelo chão da terra, pelo ritmo das ruas, pelos espaços casa, árvore e etc., em suma, pela circularidade no território. Tais práticas perfazem as produções narrativas do lugar onde vivem, dos vínculos comunitários e de aprendizados no âmbito do pertencimento. É certo que, como bem destacam Pojo & Freitas (2022, p. 24):

As aprendizagens de crianças residentes de áreas rurais em grupos de diferentes faixas etárias, entre adultos e pequenos, em tempos e em ritmos remansos, ensinares-e-aprenderes coletivos, desaguam para possíveis usos nas experiências escolares da escola formal, a de uma educação da infância amazônica, própria e diferenciada.

Assim, as vivências das crianças na comunidade se tornam experiências geradoras de aprendizados ambientais e sensoriais, vivências de transmissão de saberes intergeracionais. São vivências que se formam de autonomia e protagonismo infantil, de uma sociabilidade de ser do interior, com bem viver e apreço.

A produção cultural e educativa dessas crianças envolve o brincar e o interagir, como práticas formadoras, carregadas de significados culturais e educativos. A produção cultural e educativa das crianças nasce dessas experiências, porque ao brincar na rua, no igarapé, no quintal, elas constroem saberes, compartilham valores e fortalecem vínculos comunitários. Assim, o brincar e o interagir são centrais, pois organizam aprendizagens ligadas ao território, à oralidade e à memória coletiva.

Pensando à escola, excluída a pedagogia tradicional pautada em currículos urbanos e descontextualizados, cabe caminhar rumo à Educação do Campo com as crianças em suas

vivências, em diálogo com os espaços do lugar que a criança vive, pressupõe, assim, um outro ensino-aprendizagem pautado nos saberes, na oralidade dos mais velhos e nas experiências infantis de viver na comunidade. Assim, teremos a construção de outro currículo, contextualizado e articulando com o campo amazônico, desde produções culturais e educativas das crianças, que atualmente passam pela convivência com a terra, com os ciclos da natureza, com a oralidade e a memória dos ancestrais. Valorizar, então, essas experiências é valorizar as memórias coletivas, modos de vida e culturas do interior amazônico, construindo um saber que dá importância a Amazônia, viva e de bem viver, em especial às crianças desse bioma.

A pedagogia, nesse contexto, curso que estou em fase de conclusão, com esta ligeira experiência concreta de conviver com crianças do campo, logrou poder afirmar que o território, a cultura local e as práticas sociais são eixos centrais do processo educativo escolar. Outro aspecto fundamental é a centralidade do brincar e da convivência comunitária, que não são vistos apenas como divertimento, entretenimento ou lazer, porque são práticas educativas e culturais fortemente evidenciadas e protagonizadas por cada criança.

Por último, mas importante frisar, vemos esse texto incompleto, carecendo de aprofundamento teórico, de campo e de uma análise mais densa e complexa.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Charleson Cruz. **Estudo da radiação ultravioleta e consequência nos agricultores da comunidade Guarumã no município do Acará/ PA**. Orientador: José Francisco da Silva Costa. 2019. 53 f. Trabalho de Curso (Licenciatura em Educação do Campo – Habilitação em Ciências Naturais) – Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, Acará, 2019. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br/handle/prefix/3334>. Acesso em: 10 de julho de 2025.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 10, n. 1, 2007. DOI: 10.5216/sec.v10i1.1719. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1719>. Acesso em: 17 de outubro de 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, p. 32, 9 abr. 2002.

BRITO, Angela do Céu Ubaiara; MARQUES, Maria Carolina Henrique. Culturas infantis na amazônia amapaense: o brincar das crianças e os saberes culturais. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 8, n.68, p. 82-93, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/7030#:~:text=Artigos-CULTURAS%20INFANTIS%20NA%20AMAZ%C3%94NIA%20AMAPAENSE:%20O%2>

0BRINCAR,CRIAN%C3%87AS%20E%20OS%20SABERES%20CULTURAI&text=Palavras%2Dchave:%20Cultura.,Inf%C3%A2ncia. Acesso em: 22 de setembro de 2024

GADELHA, Izabel. **A Fundação da Vila do Guarumã: Memórias e Raízes Históricas do Acará.** Facebook, 14 jul. 2025. Disponível em <https://www.facebook.com/100001298426360/posts/23915333111426635/?mibextid=rS40aB7S9Ucbxw6v>. Acesso em: 22 de julho de 2025.

GOBBI, Marcia. Desenhos e fotografias: marcas sociais de infâncias. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 43, p. 135-147, jan./mar. 2012.

GODOY, Arilda Schimidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas – ERA**, v.35, n.2, mar./abr.,1995.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Olhar viajante: Antropologia, criança e aprendizagem. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 2 (68), p. 161-178, maio/ago. 2012.

HERBÁRIO MARLENE FREITAS DA SILVA – UEPA. **Guarumã (abano)**. Coleção Biocultural. Disponível em: <https://herbariomfs.uepa.br/colecao-biocultural/abano-2/>. Acesso em: 22 de agosto de 2025.

PAMPHYLIO, Marisônia Matos. **Os dizeres das crianças da Amazônia amapaense sobre infância e escola.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, Pará, 2010.

POJO, Eliana Campos Toutonge; FREITAS, Maria Natalina Mendes. As crianças e a natureza em contextos rurais amazônicos. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e022005, 2022. DOI: 10.24065/2237-9460.2022v12n1ID1693. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/1693>. Acesso em: 22 de setembro de 2024.

POJO, Eliana Campos Toutonge; PEREIRA, Rosenildo da Costa. Sobre cultura infantil amazônica: vivências de crianças da comunidade do Cujari, Abaetetuba-PA. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades - Cidadania, Diversidade e Bem Estar - RECH**, v. 8, n. 1, p. 52-72, 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ACARÁ. Prefeitura Municipal de Acará, [s.d.]. Página institucional – Sobre o município. Disponível em: <<https://acara.pa.gov.br/o-municipio/sobre-o-municipio/>>. Acesso em: 19 de agosto de 2025.

SILVA, Ana Paula Soares da; PASUCH, Jaqueline. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil do Campo.** Brasília, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>.

TIRIBA, Léa. Educação infantil como direito e alegria. **Laplage em Revista** (Sorocaba), vol.3, n.1, jan./ abr. 2017, p. 72-86.

Entrevistas:

OLIVEIRA, Luiza Maria da Costa. **Entrevista concedida a Thalia Marques de Oliveira.** Acará, [julho, 2025]. 1 arq. Mp3 (40 min.).

Oliveira, Ourino Pereira de. **Entrevista concedida a Thalia Marques de Oliveira.** Acará, [julho, 2025]. 1 arq. Mp3 (30 min.).

ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO (RESPONSÁVEIS DAS CRIANÇAS)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Alinni de Oliveira Ferreira depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade de minha autorização como responsável da (s) criança (s) sujeito (s) da pesquisa, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora discente **Thalia Marques de Oliveira** a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou dados da pesquisa de campo sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tendo consciência de que a pesquisa se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Acará, 30 de setembro de 2024.

Thalia Marques de Oliveira

Pesquisador (a) (Discente) responsável pela pesquisa

Alinni de Oliveira Ferreira

Responsável da (s) criança (s) sujeito (s) da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Kelly de Souza Santos de Souza depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade de minha autorização como responsável da (s) criança (s) sujeito (s) da pesquisa, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora discente **Thalia Marques de Oliveira** a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou dados da pesquisa de campo sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tendo consciência de que a pesquisa se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Acará, 08 de outubro de 2024.

Thalia Marques de Oliveira

Pesquisador (a) (Discente) responsável pela pesquisa

Kelly de Souza Santos de Souza

Responsável da (s) criança (s) sujeito (s) da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Ana Cristina Foro da Silva _____ depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade de minha autorização como responsável da (s) criança (s) sujeito (s) da pesquisa, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora discente **Thalia Marques de Oliveira** a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou dados da pesquisa de campo sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tendo consciência de que a pesquisa se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Acará, 30 de setembro de 2024.

Thalia Marques de Oliveira _____

Pesquisador (a) (Discente) responsável pela pesquisa

Ana Cristina Foro da Silva _____

Responsável da (s) criança (s) sujeito (s) da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Antonia Maria de Oliveira Oliveira Marques, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade de minha autorização como responsável da (s) criança (s) sujeito (s) da pesquisa, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora discente **Thalia Marques de Oliveira** a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou dados da pesquisa de campo sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tendo consciência de que a pesquisa se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Acará, 30 de setembro de 2024.

Thalia Marques de Oliveira

Pesquisador (a) (Discente) responsável pela pesquisa

Antonia Maria de Oliveira Oliveira Marques

Responsável da (s) criança (s) sujeito (s) da pesquisa

ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO (CRIANÇAS)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Derick de Oliveira Marques, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade de minha participação como sujeito da pesquisa, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora discente **Thalia Marques de Oliveira** a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou dados da pesquisa de campo sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tendo consciência de que a pesquisa se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

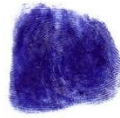
Acará, 30 de setembro de 2024.

Thalia Marques de Oliveira

Pesquisador (a) (Discente) responsável pela pesquisa

Derick de Oliveira Marques

Nome da criança



Assinatura (polegar da criança)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Wemilly Vitória de Oliveira Ferreira, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade de minha participação como sujeito da pesquisa, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora discente **Thalia Marques de Oliveira** a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou dados da pesquisa de campo sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tendo consciência de que a pesquisa se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Acará, 30 de setembro de 2024.

Thalia Marques de Oliveira

Pesquisador (a) (Discente) responsável pela pesquisa

Wemilly Vitória de Oliveira Ferreira

Nome da criança



Assinatura (polegar da criança)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Andrya Cecília Fero da Silva, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade de minha participação como sujeito da pesquisa, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora discente **Thalia Marques de Oliveira** a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou dados da pesquisa de campo sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tendo consciência de que a pesquisa se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Acará, 30 de setembro de 2024.

Thalia Marques de Oliveira

Pesquisador (a) (Discente) responsável pela pesquisa

Andrya Cecilia Fero da Silva

Nome da criança



Assinatura (polegar da criança)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Alceu Sargant de Oliveira Marques, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade de minha participação como sujeito da pesquisa, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora discente **Thalia Marques de Oliveira** a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou dados da pesquisa de campo sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tendo consciência de que a pesquisa se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Acará, 30 de setembro de 2024.

Thalia Marques de Oliveira
Pesquisador (a) (Discente) responsável pela pesquisa

Alceu Sargant de Oliveira Marques
Criança sujeito da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Hayra Melinima FORTO DA SILVA, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade de minha participação como sujeito da pesquisa, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora discente **Thalia Marques de Oliveira** a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou dados da pesquisa de campo sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tendo consciência de que a pesquisa se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Acará, 30 de setembro de 2024.

Thalia Marques de Oliveira

Pesquisador (a) (Discente) responsável pela pesquisa

Hayra Melinima Forto da Silva

Criança sujeito da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Kelly Santos de Souza, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade de minha participação como sujeito da pesquisa, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora discente **Thalia Marques de Oliveira** a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou dados da pesquisa de campo sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tendo consciência de que a pesquisa se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Acará, 08 de outubro de 2024.

Thalia Marques de Oliveira
Pesquisador (a) (Discente) responsável pela pesquisa

Kelly Santos de Souza
Criança sujeito da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Anna Gabrielly Marques de Oliveira, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade de minha participação como sujeito da pesquisa, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora discente **Thalia Marques de Oliveira** a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou dados da pesquisa de campo sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tendo consciência de que a pesquisa se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Acará, 30 de setembro de 2024.

Thalia Marques de Oliveira

Pesquisador (a) (Discente) responsável pela pesquisa

Anna Gabrielly Marques de Oliveira

Criança sujeito da pesquisa

ANEXO III – TERMO DE CONSENTIMENTO (ENTREVISTADOS)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, OURINO PEREIRA DE OLIVEIRA, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade de minha autorização, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora discente **Thalia Marques de Oliveira** a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou dados da pesquisa de campo sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tendo consciência de que a pesquisa se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Acará, 19 de julho de 2025.

Thalia Marques de Oliveira

Pesquisador (a) (Discente) responsável pela pesquisa

OURINO PEREIRA DE OLIVEIRA

Entrevistado (a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Horiza Maria da Costa Oliveira, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade de minha autorização, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora discente **Thalia Marques de Oliveira** a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou dados da pesquisa de campo sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tendo consciência de que a pesquisa se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Acará, 19 de julho de 2024.

Thalia Marques de Oliveira

Pesquisador (a) (Discente) responsável pela pesquisa

Horiza Maria da Costa Oliveira

Entrevistado (a)